

# Revista

O GLOBO • ANO 5 • Nº 284 • 3 DE JANEIRO DE 2010

## Cidade que me seduz

De Ipanema ao Joá, visitamos casas  
compradas por estrangeiros que  
elegeram o Rio como segundo lar  
e destino preferido para as férias

Piscina da casa do francês Didier Gomez em São Conrado: projeto que valoriza a vista



► Com o egípcio Yehia Abdelnour, que é engenheiro e empresário, tem 51 anos e vive no Marrocos, a situação foi um pouco diferente. Amigos gringos o apresentaram à designer de interiores Rosaura Adiala Rosa. Ela já tinha decorado outros apartamentos de estrangeiros no Rio, e Yehia foi logo explicando: queria “um lugar que parecesse suíte de hotel cinco estrelas”. Juntos, os dois desenharam as plantas do apartamento (integrado, como um *loft*, sem paredes) e escolheram os móveis. Tudo em apenas duas semanas. Aí, o egípcio foi embora.

— Ela ficou com todo o trabalho pesado e eu voltei para Marrakesh — ele brinca.

Cinco meses mais tarde, Yehia desembarcava no Rio para dormir em seu novo apartamento, onde elegera como peças favoritas duas cadeiras de Ricardo Fasanello e um pergaminho dos anos 50, que ele emoldurou e colocou numa das paredes.

— As cores do pergaminho ditaram os tons gerais do apartamento — conta Yehia, que costuma vir ao Rio duas vezes por ano, raramente nesta época. — Devo admitir que, apesar dos verões serem muito vibrantes, prefiro as cores e o clima calmo do inverno.

O egípcio nunca sofreu qualquer episódio de violência, mas reconhece que o assunto, permanentemente no ar, cria uma atmosfera muitas vezes





## Vendo a vista

Instalados em 110 metros quadrados, no Posto Seis, o neozelandês Veere Grenney e o australiano David Oliver (à esquerda) têm o que chamam de “melhor visual do Rio”. Veere queria um imóvel maior, até que um amigo deu a dica: “Se é para passar dois meses por ano no Rio, entre espaço e vista, escolha a vista.” Conselho seguido, a decoração veio de Londres, onde eles vivem: móveis desenhados por Veere e peças marcantes como o lustre Serge Mouille (à esquerda, no alto).

tensa na cidade. Agora, do que ele se queixa mesmo é não poder ter uma conta bancária no país, o que facilitaria a administração da segunda casa. Simon, o espanhol com apê em Ipanema, também reclama disso. E todos — absolutamente todos — citam a simpatia do povo e a beleza natural do Rio como pontos fortes.

— É claro que há problemas, não se pode negar. Mas ainda existe uma gentileza entre as pessoas que nós já perdemos na Europa — compara Jean-Philippe, um dos franceses do apartamento de Ipanema.

Acostumados a rodar o mundo, o neozelandês Veere Grenney, de 60 anos, e o australiano David Oliver, de 42, que vivem em Londres, escolheram o Rio por um motivo central:

— Não existe outro lugar que tenha praias tão maravilhosas e seja, ao

mesmo tempo, uma cidade grande, efervescente, sofisticada — diz Veere.

— O Rio é sunga ou salto alto — brinca David.

Até encontrar sua casa de veraneio, com vista do Forte de Copacabana ao Pão de Açúcar, Veere queria um apartamento de 200 metros quadrados, na Atlântica ou na Vieira Souto. Um dia, um amigo deu a dica: “Se é para passar dois meses por ano no Rio, entre espaço e vista, escolha a vista.” Veere seguiu o conselho. Comprou um apê de 110 metros quadrados com o que chama de “o melhor visual da cidade”.

— É como se eu estivesse embarcado num navio. De qualquer janela vejo o mar — diz.

A vista faz mesmo tanto sucesso que o prédio, dos anos 30, estilo *art déco*, virou alvo de cobiça.

— Só eu tenho três clientes aqui —

entrega Pedro Jardim de Mattos, o advogado especializado em direito imobiliário e em gringos.

Como Veere e David, os clientes de Pedro viram amigos. Afinal, além de negociar em nome deles e de ajudar com a burocracia, ele é uma espécie de consultor-para-todas-as-horas. Até bombeiro hidráulico já ajudou a arranjar. Seus clientes, ele conta, são principalmente franceses, mas também há espanhóis, ingleses, americanos, suecos... E a maioria vê o imóvel como investimento, mas sua prioridade é usá-lo para o lazer.

— Meu programa favorito é comer frutas deliciosas no café, andar até Ipanema, passar o dia na praia, lendo um livro. E, depois, voltar para casa e jantar com amigos — conta Veere.

Para isso, ele cercou-se de objetos familiares. Os móveis vieram de Londres, numa operação de quatro meses. O chão, de *parquet*, foi laqueado em preto, pouco usual entre nós. E a decoração segue a época do prédio. Há mesas criadas pelo próprio Veere, que é um famoso designer de interiores em Londres, antigas cadeiras chinesas, um lustre do francês Serge Mouille, um desenho de David, que dirige o escritório Paint & Paper Library e foi chamado pelo “The New York Times” de “rockstar da cor”. Mas, ali, quase tudo é preto, branco, bege. Elegante e discreto. Escandalosa, só a vista. ●